

PROTESTOS CONTRA POLÍCIA ANTI-IMIGRAÇÃO

Cidadã norte-americana de 37 anos, vencedora de prêmio nacional de poesia e mãe de três filhos foi morta a tiros por agente do ICE. Governo Trump insiste em afirmar que mulher usou carro "como arma". Alegação enfurece manifestantes

Revolta contra morte de mulher

» ISABELLA ALMEIDA

A cidade norte-americana de Minneapolis voltou ontem a registrar novos protestos contra os agentes de imigração que ocupam a região, um dia após a morte a tiros de Renee Nicole Good, uma cidadã dos Estados Unidos de 37 anos, poeta, mãe, esposa. A mulher foi vítima de uma operação do Serviço de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos (ICE, na sigla em inglês) na quarta-feira. O caso provocou forte comoção entre moradores, ativistas e autoridades. Mesmo diante da repercussão internacional do caso, o FBI barrou as autoridades locais de investigarem o ocorrido, alegando que a jurisdição é apenas federal.

Renee morreu após ser atingida por vários tiros à queima-roupa dentro do carro que dirigia, enquanto, aparentemente, manobrava o veículo para se afastar de agentes do ICE que a abordavam. Os agentes alegaram que Good bloqueou a passagem da equipe durante a operação e que intencionalmente tentou atropelar os agentes. A tese não é confirmada nos vídeos feitos por testemunhas de todo o episódio.

Imagens que circulam nas redes sociais mostram um agente do ICE mascarado tentando abrir a porta do veículo da mulher, um SUV Honda Pilot, enquanto ela tentava manobrar para sair do local. Em seguida, outro agente, também mascarado, disparou três tiros contra o carro. O veículo perde o controle e colide com outros automóveis estacionados.

A mãe de Renee, Donna Ganger, disse ao jornal *Minnesota Star Tribune* que a filha “provavelmente estava apavorada” no momento do incidente e que não buscava confronto com os agentes. Good era mãe, poeta e cinéfila, segundo a imprensa dos EUA, e havia estudado escrita criativa na Old Dominion University, na Virgínia. Pouco depois dos tiros, assim que a reação ao episódio começou a tomar as redes sociais, o governo do presidente Donald Trump afirmou que a mulher teria tentado atropelar agentes, usando o carro “como arma”. A chefe do Departamento de Segurança Interna, Kristi Noem, chegou a chamar a conduta da mulher de “terrorismo doméstico”.

O episódio ocorreu em meio a protestos contra as políticas migratórias do governo Trump em Minneapolis, no estado de Minnesota. Após a morte de Rennee Good, milhares de manifestantes tomaram as ruas geladas da cidade, carregando cartazes com frases como “ICE Fora de MPLS”. Novos atos ocorreram ontem em frente a prédios do governo federal em outros pontos da capital de Minnesota e em várias outras cidades dos Estados Unidos.

Sintoma moral

Conforme o advogado e mestre em direito Flavio Goldberg, a morte

AFP



Pessoas se reúnem no lugar onde Renee Good foi morta por agente do ICE: manifestação teve muita emoção

Personagem da notícia

Quem era Renee Good

Renee Nicole Good, de 37 anos, deixa três filhos — de 15, 12 e 6 anos — e a esposa. Ela havia acabado de se mudar para Minneapolis, vinda do estado do Kansas. Poeta premiada, também gostava de tocar guitarra e era amante do cinema, segundo declarações de um ex-marido ao *The Washington Post*. Morta a tiros por um agente de imigração, chamada de “terrorista doméstica” por Kristi Noem e atacada por Donald Trump, Nicole era cidadã norte-americana, natural de Colorado Springs, no oeste dos Estados Unidos.

Os pais de Good, Donna e Tim Granger, falaram ao *Washington Post*

que sua filha era uma pessoa gentil, apesar de a vida nunca ter sido fácil para ela. “Ela teve uma boa vida, mas uma vida difícil”, lamentou. Em entrevista ao *The Minnesota Star Tribune*, Donna afirmou que Good era “amora, compreensiva e carinhosa”.

Conforme um ex-marido, que não teve o nome divulgado, Renee participou de missões religiosas na Irlanda do Norte. Ela estudou escrita criativa na Old Dominion University, na Virgínia, e em 2020 ganhou um prêmio de graduação da Academia de Poetas Americanos por sua obra chamada “On Learning to Dissect Fetal Pigs” (Sobre Aprender a Dissecar Porcos



AFP

Fetais, em tradução literal).

No mesmo ano, se formou na Faculdade de Artes e Letras da universidade com um diploma em inglês. Segundo a agência *Associated Press*

(AP), ela havia trabalhado anteriormente como assistente odontológica e em uma cooperativa de crédito, mas nos últimos anos se dedicava aos cuidados domésticos de sua casa.

de uma cidadã norte-americana pela arma de um agente de controle migratório não é apenas trágico, mas um sintoma jurídico e moral de um Estado que passou a tratar a migração como ameaça absoluta. “Quando o poder público abandona a proporcionalidade e naturaliza o uso da força, fragiliza não apenas o estrangeiro, mas o próprio conceito de cidadania, tornando-o contingente e vulnerável. O episódio revela a erosão do dever primordial do Estado: a proteção incondicional da vida.”

Para Goldberg, o mais inquietante é que políticas migratórias extremadas deixam de regular fronteiras para regular as pessoas. “Quando isso ocorre, o imigrante torna-se o

primeiro destinatário de um autoritarismo que, uma vez naturalizado, não reconhece limites. A violência estatal, ainda que dirigida a um ‘outro’, é sempre um aviso: o poder que perde freios já não distingue quem deve proteger e quem pode ferir.”

A secretária de Segurança Interna, Kristi Noem, criticou, durante uma coletiva de imprensa, ontem, as políticas de cidades-santuário, que, segundo ela, protegem “criminosos” que entram ilegalmente nos Estados Unidos. Segundo ela, essas localidades governadas por democratas estão na mira do governo federal. “(Ele, o governo norte-americano) está vindo atrás de vocês”. “Temos a responsabilidade de

apresentar os fatos e, em seguida, sair e fazer cumprir a lei. O seu prefeito acabou de dizer, nessa declaração, que vai apoiar pessoas que estão ilegalmente no país e que já infringiram a nossa lei”, disse Noem. Segundo a secretária, “qualquer perda de vida é uma tragédia”, mas insistiu em classificar a conduta da vítima como “terrorismo doméstico” e afirmou que a mulher assassina “estava assediando e obstruindo o trabalho do ICE o dia todo”.

FBI bloqueia

Em meio à imensa repercussão, a apuração do caso está marcada pela exclusão das agências locais de

segurança da investigação da ação letal do ICE. Em nota oficial, o superintendente do Minnesota Bureau of Criminal Apprehension (BCA), Drew Evans, informou que inicialmente havia sido decidido que o órgão conduziria uma investigação conjunta com o FBI.

Horas depois, porém, o FBI comunicou que a investigação passaria a ser conduzida exclusivamente pela agência federal. Evans afirmou que “o Gabinete do Procurador dos EUA havia mudado de posição” e que o BCA deixou de ter acesso a “materiais do caso, provas da cena do crime ou entrevistas investigativas necessárias para concluir uma investigação completa e independente”.

Palavra de especialista

Sonho americano arranhado

A repercussão, naturalmente, é muito negativa, e não só do ponto de vista da “aparência” dos Estados Unidos para o mundo. Isso, por si só, atrapalha o poder americano de se vender um como “campeão” da liberdade, da democracia e dos direitos. Quando se olha para como as comunidades estão sofrendo com isso, essa imagem da democracia norte-americana é arranhada. Ademais, pessoas que poderiam pensar em ir para os Estados Unidos, até mesmo alguém qualificado a quem foi oferecido um cargo em uma empresa no país, ficam preocupadas com a própria situação, com a do parceiro e dos filhos, e como vão ficar no dia a dia diante dessas políticas.



LEONARDO PAZ, professor de Relações Internacionais do Ibmec, no Rio de Janeiro

“Sem acesso completo às provas, testemunhas e informações coletadas, não podemos atender aos padrões de investigação que a lei de Minnesota e o público exigem”, escreveu Evans. Ele ressaltou que a unidade foi criada em 2020 para garantir “consistência, responsabilidade e confiança pública”, em investigações envolvendo uso de força letal por policiais.

Evans afirmou ainda que torce para que o FBI realize uma boa investigação. “Esperamos que o FBI conduza uma investigação completa e minuciosa”, declarou, acrescentando que o BCA está disposto a retomar a parceria caso haja mudança de postura.

Para o professor de relações internacionais do Ibmec Brasília Frederico Seixas, o ocorrido é uma demonstração de como os Estados Unidos vivem uma polarização cada vez mais profunda. “Trump tem perdido apoio, perdido popularidade desde o início do seu mandato, também por causa dessas ações. No caso agora da Venezuela, ele até ganhou alguns pontos na aprovação popular, mas, em geral, tem apresentado números relativamente baixos quando comparados com outras administrações. Mesmo na sua base republicana, esse aumento foi muito pequeno, pouco relevante para alterar a polarização que existe no país. Quer dizer, entre os democratas, Trump tem apenas 6% de apoio, enquanto, entre os republicanos, conta com 91%.”

ADEUS AO MULTILATERALISMO

Abandono de órgãos climáticos pelos EUA gera duras críticas

» PALOMA OLIVETO

A saída dos Estados Unidos da convenção-quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, um dos 66 organismos internacionais listados pelo secretário de Estado, Marco Rubio, como “ineficientes, prejudiciais ou que desperdiçam recursos”, rendeu duras críticas de cientistas e especialistas em clima. A UNFCCC é o principal tratado global para coordenar e elaborar respostas para o aquecimento global — o Acordo de Paris foi criado na convenção.

“É um gol contra colossal, que prejudicará o país, deixando os Estados Unidos menos seguros e menos prósperos”, reagiu, em nota, o chefe da ONU para o Clima, Simon Stiell. Além da UNFCCC, a lista de cortes inclui o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), um importante consórcio internacional de cientistas que elaboram relatórios para subsidiar políticas públicas relacionadas ao clima. O órgão foi ganhador do prêmio Nobel da Paz em 1997.

Para a administração Trump, porém, “não é mais aceitável enviar a essas instituições o sangue, o suor e o tesouro do povo americano, sem quase nada em troca”. Em um comunicado de imprensa, Rubio afirmou que “os dias em que bilhões de dólares do dinheiro dos contribuintes fluíam para interesses estrangeiros às custas do nosso povo acabaram”.

O responsável por políticas climáticas da União Europeia disse, no *Linkedln*, que “a decisão da maior economia do mundo e do segundo maior emissor de gases de efeito estufa (...) é lamentável e infeliz”. “Certamente continuaremos apoiando a pesquisa climática internacional como a base de nossa compreensão e de nosso trabalho. Também continuaremos trabalhando na cooperação climática internacional”, escreveu.

Negacionismo

Outros organismos relacionados à ciência, como a ONU-Oceano, a

Arquivo pessoal



Para Rafael Loyola, professor da UFG, estratégia é negacionista

União Internacional para a Conservação da Natureza, o Pacto de Energia Livre de Carbono 24/7, a Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre

Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos e a Aliança Internacional Solar também foram descredenciados pelos Estados Unidos. “Isso, basicamente, significa negar a

ciência. É fechar o olho, é uma estratégia negacionista para conduzir políticas internas que são, obviamente, contrárias aos que os relatórios da ONU e de outras entidades mostrarão”, opina o professor da Universidade Federal de Goiás Rafael Loyola, membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (REC).

Embora Marco Rubio tenha falado em “desperdício de recursos”, Loyola destaca que os Estados Unidos serão extremamente prejudicados pela saída dos organismos internacionais. “Eles ficarão menos preparados para o enfrentamento dos efeitos que as mudanças climáticas trazem, principalmente em termos de adaptação. Assim, ficarão cada vez mais vulneráveis, inclusive em termos econômicos, porque isso trará menos investimento estrangeiro”, diz o ecólogo, que também é diretor de Desenvolvimento na Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS).

A norte-americana Rachel Cleetus, diretora sênior de políticas da

União de Cientistas Preocupados, concorda que haverá prejuízo para os Estados Unidos. “As mentiras descaradas do governo Trump sobre as realidades científicas das mudanças climáticas, bem como seus ataques às políticas climáticas e de energia limpa e às agências federais, são profundamente prejudiciais aos interesses do povo dos Estados Unidos”, diz a economista. “Esse governo permanece cruelmente indiferente aos fatos incontestáveis sobre o clima, enquanto cede aos interesses dos poluidores movidos a combustíveis fósseis.”

No ano passado, a administração Trump abandonou o Acordo de Paris (pela segunda vez) e se retirou da Organização Mundial da Saúde (OMS), dando continuidade a uma campanha de negação de fatos científicos. Na segunda-feira, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) retirou seis vacinas infantis do calendário federal, incluindo as imunizações contra meningite, influenza e hepatite.